

# reportagem cultural

## Farol do jornalismo e da fotografia

Para compreender a real magnitude do trabalho e do legado de Dulce Helfer, o melhor testemunho vem daqueles que compartilharam de sua longa e inspiradora caminhada profissional. Com a

autoridade de quem respira a arte da fotografia há quatro décadas e comanda a Galeria La Photo, Regina Peduzzi – filha do memorável fotojornalista macedônio Blagoi

Protskof – enxerga na fotógrafa uma das maiores potências da arte visual do País.

Sobre a enxergadura técnica e artística da profissional, Regina declara com admiração: “Dulce Helfer é um ser humano raro e inspirador. Feliz de quem a conhece e a tem como amiga. Em seu rico

**Dulce Helfer retratou figuras marcantes da cultura brasileira e mundial, como Caio Fernando Abreu (ao lado) e BB King**

acervo, misturam-se perfeitamente cultura, política e um sensível trabalho registrado em livros publicados e exposições de grande relevância”. Trata-se, na opinião de Regina, de um exemplo a ser admirado e seguido. “Vejo a Dulce como um verdadeiro ‘farol’ e uma referência indispensável para os ‘navegantes’ da fotografia e para os seus inúmeros admiradores. Um ser humano raro e totalmente necessário!”, enaltece.

Já a cantora e compositora porto-alegrense Anaadi, vencedora do prêmio Grammy Latino, diz ter encontrado em Dulce Helfer uma parceira de vida e de arte, capaz de traduzir a força e a efemeridade de suas performances musicais em imagens eternas. Sob a ótica sensível da musicista, o trabalho minucioso da fotógrafa opera em uma frequência muito rara de afeto, transcendência e coragem política.

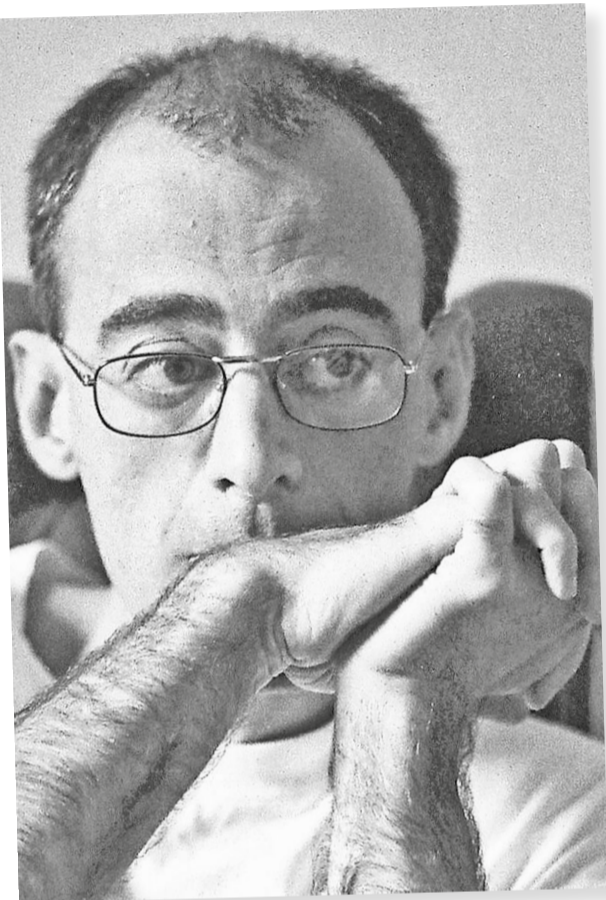
Anaadi relembra a cumplicidade dessa parceria, sintetizando a potência do encontro: “Conheci a Dulce em 2012 e, desde então, desenvolvemos uma linda amizade e parceria de trabalho; é um privilégio ter meus shows e a capa do meu DVD registrados por ela.

Sua arte transcende o técnico e transborda afeto. O ‘olhar Dulce’ é doce, mas também potente, magnânimo e subversivo a toda injustiça. Quando ela fotografa, revela a liberdade da alma e o melhor do outro – até o que ainda não se descobriu. É preciso muita coragem para ser generosa e doce neste mundo”, sublinha.

O profissionalismo que Dulce Helfer imprimia em suas coberturas jornalísticas também ficou para sempre marcado na memória de quem dividiu com ela a rotina exaustiva das grandes reportagens. A experiente jornalista Lúcia Pires, que se tornou sua colega de equipe no jornal Zero Hora a partir de 1995, recorda com precisão o impacto duradouro da fotógrafa no dia a dia do veículo: “A Dulce, na redação de ZH, foi por muitos anos a resistência feminina no universo majoritariamente masculino da editoria de fotojornalismo. Sempre gentil, com as lentes penduradas no pescoço e

a sensibilidade no olhar, ela fez história. Mostrou-se corajosa para encarar tiroteios, sequestros e as pautas mais duras do dia a dia, mas manteve-se sensível para encantar os artistas, com quem sempre se identificou profundamente. Sair para uma pauta de rua com a Dulce era ter a certeza absoluta de voltar para o jornal com um material de extrema qualidade garantido”.

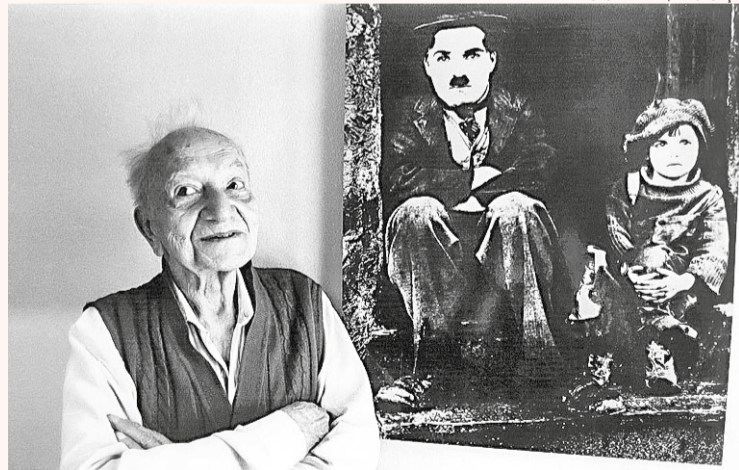
DULCE HELFER/REPRODUÇÃO/JC



DULCE HELFER/REPRODUÇÃO/JC

## O Decálogo do Olhar

DULCE HELFER/DIVULGAÇÃO/JC



DULCE HELFER/REPRODUÇÃO/JC

A obra de Dulce é balizada por um reconhecimento raro: o de ter sido “lida” pelos maiores nomes da cultura contemporânea. Para além dos prêmios, das exposições e das décadas de fotojornalismo nas principais redações do País, sua identidade mais profunda reside no diálogo que sua lente estabeleceu com a literatura, a música e o cinema. Dulce não apenas retratou artistas; ela foi interpretada por eles. Sua câmera tornou-se uma espécie de caderno de notas onde cronistas, poetas e cineastas escreveram, com palavras, o que viam em suas imagens.

### ► Mario Quintana: A Poesia do Invisível

Mario (foto ao lado) via na fotografia de Dulce a tradução visual de seus versos. Para o poeta, ela possuía a rara capacidade de “fotografar o invisível”, isolando a aura das coisas simples. Quintana a definia como uma poeta da luz, capaz de capturar o silêncio que as palavras nem sempre alcançam. Dizia também que Dulce enxergava “o verso que faltava no poema”, encontrando na banalidade do cotidiano a mesma transcendência que ele buscava na folha em branco.

### ► Caio Fernando Abreu: O Espelho da Alma

Com Caio, o registro era visceral e íntimo. O autor de *Morangos Mofados* via na lente de Dulce um espelho de seus próprios estados de espírito. Para ele, ela não registrava rostos, mas “estados de alma”. Foi Dulce quem capturou Caio em seus momentos mais cruéis e mais doces: o brilho febril dos anos 1980, a melancolia dos retornos, a serenidade final. Ele dizia que posar para ela era como escrever uma página de diário, sabendo que seria lida com compaixão.

### ► Tabajara Ruas: A Narrativa Épica

Parceiro de sets e redações, Tabajara a define como uma “narradora de imagens”. No cinema, ela interpreta o roteiro pelo obturador. O cineasta ressalta sua “ética do olhar”, que confere dignidade tanto a astros mundiais quanto ao protagonismo negro, como no projeto Pretos na Tela. Na sua opinião, Dulce filma com a câmera fotográfica: cada clique seu é um plano-sequência.

### ► David Lynch: O Enigma da Sombra

Em sua passagem por Porto Alegre, o mestre do surrealismo (abaixo, à esquerda) identificou em Dulce uma afinidade com o mistério. Para Lynch, a lente dela não busca a luz óbvia, mas compreende as sombras. O diretor a definiu como uma “artista do momento”, capaz de capturar a tensão psicológica e a narrativa contida em um único *frame*. Lynch enxergou nas fotos de Dulce o mesmo universo que ele constrói: o ordinário prestes a rachar e revelar o absurdo.

### ► Luis Fernando Verissimo: A Cumplicidade

Com mais de 40 anos de amizade, Verissimo destaca a “discrição poética” de Dulce. Para o cronista, ela escreve com a luz. Foi Dulce quem documentou, sem alarde, os bastidores da geração que mudou a cultura do Sul: as reuniões de pauta que viravam saraus, os lançamentos de livros que terminavam em mesa de bar, o silêncio cúmplice antes de a crônica ser entregue. Verissimo disse que ela é a guardiã oficial das memórias, porque fotografa sem nunca interromper a cena.

### ► Armindo Trevisan: A Teologia da Imagem

O poeta e crítico de arte, que dividiu com Dulce e Tabajara Ruas o Prêmio Especial da AGES pelo livro *O Melhor de Mario Quintana*, engrandece a dimensão espiritual e técnica da fotógrafa. Para Trevisan, Dulce possui uma “santidade do olhar”: ela não “rouba” a imagem, mas a recebe como um dom, com reverência franciscana.